

**SA CECÍLIA
LA MEIRELES**

**Sinfonietta
Carioca toca
Música Noturna**



**Ciclo de obras de
Rodrigo Cicchelli**

**Sérgio Barrenechea, flauta
Lúcia Barrenechea, piano
Ubiratã Rodrigues, regência**

Sábado, 13 de agosto de 2022, 19h

**Sinfonietta Carioca toca *Música Noturna*
de
Rodrigo Cicchelli**

**Sala Cecília Meireles
13 de agosto de 2022 - 19h**

Programa

- 1 - À noite um homem sozinho procura se recordar,**
para orquestra de cordas
- 2 - Concertino Noturno,** para flauta e cordas
 - I. Ponteado**
 - II. De sterrennacht**
 - III. Lembrando Guerra-Peixe---**
- 3 - Sonhos Vivos,** para piano e cordas
- 4 - A hora mais escura,** para flauta, piano e cordas
- 5 - A Aurora de róseos dedos,** para orquestra de cordas

Sérgio Barrenechea, flauta
Lúcia Barrenechea, piano
Ubiratã Rodrigues, regência

Sinfonietta Carioca

Violinos I Tomaz Soares, Jorman Torres,
Nikolay Sapoundjiev, Mauro Rufino,
Dalibor Svab, Talita Vieira

Violinos II Michael Machado,
Lucas Álvares, André Cunha,
Isabelle Ferreira

Violas Cindy Folly, Clara Santos,
Samuel Passos, Thaís Mendes

Violoncelos Glenda Carvalho, Gretel Paganini,
Liana Meirelles, João Bustamante

Contrabaixos Rodrigo Favaro, Alexandre Ito

O ciclo **Música Noturna** reúne cinco peças de caráter programático, que compus entre o final de 2015 e o começo de 2018, narrando alegoricamente a travessia de um personagem ao longo da noite. As peças foram escritas para orquestra de cordas, sendo que três delas contam com solistas. Todas as obras foram estreadas em anos recentes, no entanto o ciclo será ouvido na íntegra e na ordem em que foi concebido pela primeira vez na noite de hoje.

A noite começa com... **À noite um homem sozinho procura se recordar**, para cordas. Como o título sugere, a peça trata do tema da memória. Nela busco retratar alguém que, no recolhimento noturno, procura se recordar de algo que ama, mas do qual parece ter se esquecido. Quis refletir musicalmente sobre os exercícios da lembrança, da autoanálise e da introspecção, de forma a dar vazão a diversos sentimentos, muitas vezes contraditórios, e aos acertos e enganos, certezas e incertezas, avanços e recuos, excitações e desvãos de alguém que procura ao mesmo tempo retomar o fio da meada e olhar para frente com segurança e otimismo. Enquanto compunha a peça, deu-se algo curioso. Mais ou menos na metade da composição, emerge um motivo de segunda menor descendente seguido de uma quinta justa descendente (dó-si-mi). Este motivo me perseguia, como uma ideia fixa. Logo identifiquei tratar-se de uma versão transposta do motivo com que Villa-Lobos abre seu ciclo coral *Bendita Sabedoria*, que eu cantara no Coral Pró-Arte há cerca de 30 anos. Como estava tratando do tema da memória, resolvi absorver esta coincidência/citação/homenagem (ou seria um roubo?) no tecido da composição. Há, porém, mais uma curiosidade sobre este motivo: ele é usado na abertura de outra peça célebre, em outra transposição. Trata-se do *Prelúdio Op.3 No.2*, de Rachmaninoff. Em Rachmaninoff, o motivo é lá-sol#-dó#, em Villa-Lobos mi-b-ré-sol e em minha composição dó-si-mi. Os tratamentos são muito diferentes nas três peças, mas há algo de misterioso e profundo nesta ideia musical que resolvi reter e "passar adiante".

A noite prossegue com o **Concertino Noturno**, para flauta e cordas, que está dividido em três movimentos: *Ponteado*, *De sterrennacht* e *Lembrando Guerra-Peixe*. *Ponteado* faz alusão a uma ideia, imprecisa, de levada musical tão explorada pelos compositores brasileiros no século XX. Já em *De sterrennacht*, transfiguro uma bossa-nova estilizada, fazendo alusão a um quadro muito conhecido de Vincent Van Gogh (*A Noite Estrelada*). Em *Lembrando Guerra-Peixe*, como o título sugere, procuro rememorar as lições que recebi do mestre, meu primeiro professor de composição, embebendo-me de alguns traços de sua escrita musical. A peça permite ainda uma leitura programática, ao partir da ideia de alguém que, após um exercício de introspecção, resolve flunar alegremente pela noite, intoxicando-se com os vapores noturnos, entregando-se a devaneios e lembranças e, ao final, a uma animada dança de sabor nacional, ainda que não saiba identificar com clareza a sua origem precisa.

O ciclo **Música Noturna** prossegue com **Sonhos Vivos**, para piano e cordas, que observa o seguinte programa: "Nosso personagem caminha pesadamente de volta a casa e finalmente consegue adormecer após os eventos noturnos, pondo-se imediatamente a sonhar sonhos vívidos, inicialmente leves e alegres, mas que passam a ser também agitados e perturbadores. Ele imagina visitar uma exposição de artes plásticas no Solar Grandjean de Montigny, um belo exemplar da arquitetura neoclássica brasileira, situado na Pontifícia Universidade Católica no bairro da Gávea no Rio de Janeiro, onde trava diálogos inquietantes com um personagem misterioso, que posteriormente acaba revelando-se: Mefistófeles... Após idas e vindas, em que os personagens dialogam e discutem, nosso protagonista é convencido a assinar um pacto com a tinta vermelha que borbulha num caldeirão fumegante situado ao centro do salão principal do Solar. Ao traçar um pentagrama nas paredes brancas do salão e começar a redigir o tema que selaria o pacto, nosso sonhador dá-se conta de estar escrevendo um tema de Bach, oriundo da *Arte da Fuga*. Com grande sobressalto, decide evadir-se, caindo em si e acordando abruptamente." A partitura é dedicada a Dawid Korenchandler, que foi meu professor de Contraponto e Fuga e de Composição no Instituto Villa-Lobos da Unirio nos anos 1980, época em que me recordo haver ficado muitíssimo impressionado com a leitura do romance *Doktor Faustus*, de Thomas Mann. A partitura é cheia de alusões aos ensinamentos que recebi do mestre Korenchandler, a quem procurei homenagear com a aproximação de seu septuagésimo aniversário, bem como aos elementos extramusicais contidos no programa descrito acima, o neoclassicismo da construção arquitetônica sendo espelhado na escolha da forma-sonata como linha estruturadora do desenrolar dos temas, num fluxo lúdico. Num certo sentido, *Sonhos Vivos* tem a função de *scherzo* dentro do ciclo **Música Noturna**, sendo sucedida por *A hora mais escura*, que evoca grande emoção no herói de nossa narrativa.

A hora mais escura, para flauta, piano e cordas, é dedicada aos amigos Sérgio e Lúcia Barrenechea, solistas da noite de hoje. A hora mais escura é aquele momento da noite que antecede o amanhecer e que nos permite ver melhor as estrelas. Em nosso programa, é o momento em que o protagonista da narrativa, ao acordar de sonhos agitados, relembra com profunda emoção aqueles que partiram prematuramente. Nesta peça, homenagem *in memoriam* meu irmão Roberto, que era um exímio violonista popular amador. Assim, a peça parte de um acorde que remete à afinação do violão (mi - lá - ré - sol - si - mi) e elabora variações em torno desse material harmônico, percorrendo atmosferas e texturas que remetem à música popular e ao firmamento, acima.

Toda noite tem um fim e nesta este se dá com **A Aurora de róseos dedos**. Tomei o título de empréstimo a Homero, que assim abre a Rapsódia II da *Odisseia*: "Logo que raiou a matinal Aurora de róseos dedos (...)". Trata-se, talvez, da peça menos "programática" de todo o ciclo. Não há uma "história", imaginada ou depreendida, apenas sensações típicas do amanhecer, da transição da noite misteriosa para o dia com seus primeiros raios, o frescor da alvorada, a crescente luminosidade, a variação da umidade e da temperatura, o glissar da brisa... Num determinado momento da composição, emerge a citação de um antigo hino da tradição cristã, o canto gregoriano *Veni Creator Spiritus*, exposto de forma flou como a bruma e que é logo desenvolvido para nos levar ao *gran finale*, que encerra não só a peça, mas todo o ciclo *Música Noturna*, remetendo-nos de volta ao tema/ideia fixa da primeira composição. *A Aurora de róseos dedos* é uma peça livre de toda angústia cromático-serial e é derivada de uma simples sequência de acordes do final da 1ª parte do ciclo, que transformo com liberdade e alegria.

A todos uma Boa Noite!

Rodrigo Cicchelli, agosto de 2022



Rodrigo Cicchelli nasceu no Rio de Janeiro em 1966. É graduado em Composição Musical e em Flauta Transversa pelo Instituto Villa-Lobos da Unirio. Pós-graduou-se na Europa nos anos 1990, realizando um doutorado em Composição Musical na Inglaterra (University of East Anglia) como bolsista da CAPES, e uma especialização na França (Institut de Recherche et de Coordination Acoustique-Musique - IRCAM) como bolsista do governo francês. Premiado nacional e internacionalmente por sua produção, é professor titular junto ao Departamento de Composição da Escola de Música da UFRJ, onde leciona desde 1998.



A **Sinfonietta Carioca** é uma orquestra fundada em 2010 no Rio de Janeiro pelo maestro Ubiratã Rodrigues. Marcada pela versatilidade, nasceu com a proposta de apresentar concertos de alto nível técnico e interpretativo, estrear de obras e divulgar a música brasileira contemporânea, além dos grandes clássicos. A convite da Funarte, a Sinfonietta Carioca apresentou o concerto de encerramento da XXII Bienal de Música Brasileira Contemporânea, trazendo ao público pela primeira vez seis obras premiadas para cordas, na Sala Cecília Meireles, em outubro de 2017.



Lúcia Barrenechea é pianista e professora titular de Piano no Instituto Villa-Lobos da UNIRIO. Realizou seu bacharelado em piano na Universidade Federal de Goiás, mestrado na Universidade de Boston (EUA) e doutorado na Universidade de Iowa (EUA). Atuando intensamente como solista, Lúcia Barrenechea apresenta-se regularmente em recitais por várias cidades brasileiras. Também atuou como solista em concertos com várias orquestras brasileiras. Reconhecida como notável pianista camerista, tem se apresentado com grandes nomes em destaque no cenário nacional e internacional, em turnês no país e no exterior. Com seu marido, o flautista Sérgio Barrenechea, forma desde 1989, o Duo Barrenechea, com quem gravou a integral de obras para flauta e piano de Francisco Mignone. Em parceria com o violoncelista Hugo Pilger, lançou o CD "Presença de Villa-Lobos na Música Brasileira para Violoncelo e Piano", em dois volumes.

Sérgio Barrenechea é professor titular de Flauta Transversa no Instituto Villa-Lobos/UNIRIO. Atua com o Duo Barrenechea e o Quinteto Brasília, realizando diversos concertos em cidades brasileiras e estrangeiras. Participou como artista e professor de vários eventos e festivais como as Convenções Anuais da National Flute Association nos EUA, o Toronto Latin Flute Festival, o Festival Internacional de Flautistas no Peru e o Festival de Campos do Jordão. Lançou os seguintes produtos frutos de suas pesquisas, fazeres artísticos e colaborações: os CDs "Duo Barrenechea - Momentos em Paris", "Quinteto Brasília - Brincadeira a Cinco", "A Música para Flauta de Francisco Mignone", o DVD "Duo Barrenechea - Brasileiríssimo: Encontros e o livro de partituras "A Música para Flauta e Piano de Francisco Mignone".



Ubiratã Rodrigues é formado em regência no Mestrado Profissional da UFRJ. Tem dirigido óperas e concertos com diversas orquestras no Brasil. Foi bolsista da CAPES e da Fundação para a Cultura de Maaseik (Bélgica), quando estudou com o célebre violinista Jean-Jacques Kantorow na Holanda. É violinista do Quarteto de Cordas da UFF e da Orquestra Sinfônica Brasileira desde 1991. Como maestro e diretor artístico da Sinfonietta Carioca, já realizou diversas estreias mundiais.

**SA CECÍLIA
LA MEIRELES**



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO